

Carta Pedagógica

Manuela Callou¹; Keka Rabelo²; Francisco Jadir Pereira³; Márcio Adriano Santos⁴; Thayse Melo⁵; Isadora Ulisses⁶

Palavras-chave: *Bureau* de Comunicação; Sociedade Civil; Cadeias produtivas de cultura; Projetos de Extensão; Comunicação Comunitária.

Maceió (AL), 21 de setembro de 2023

Estimados(as) membros da Academia e, em especial, às pessoas apaixonadas pela Extensão Universitária.

Este texto é uma carta pedagógica escrita, coletivamente, por nós, que participamos da roda de conversa “Bureau de Comunicação: Conexão entre Sociedade Civil e Cadeias produtivas na Cultura”, com o objetivo de compartilhar experiências dos integrantes do Projeto de Extensão “*Bureau* de Comunicação Comunitária”, na linha de trabalho de desenvolvimento social e cultura, da Agência Experimental de Relações Públicas (Agerp-Cos-Ufal).

A atividade integrou a Semana de Extensão e Cultura promovida pela Pró-reitoria de Extensão da Ufal, durante o período de 19 a 23 de setembro do corrente ano. A roda “*Bureau* de Comunicação: Conexão entre Sociedade Civil e Cadeias produtivas na Cultura” aconteceu no dia 21 de setembro deste ano, na sala 07 da FDA/UFAL (Faculdade de Direito de Alagoas), no horário das 14h às 17h, durante o período de 3 horas. Contou com a participação de docentes, discentes, profissionais de relações públicas e movimentos sociais ligados ao Movimento dos Povos das Lagoas.

A partir da participação da professora do curso de Relações Públicas, Manuela Callou, da Unidade Acadêmica do Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Ufal – Ichca, foi

¹ Doutora. Professora, relações públicas, atuando principalmente com temas de comunicação para o desenvolvimento local e comunitário e análise de conteúdo/discurso. Curso de Relações Públicas/Ufal. manuela.callou@ichca.ufal.br

² Relações Públicas, atuando principalmente com produção cultural e assessoria de movimentos sociais e culturais. Assessora de Imprensa da Eta/Ufal. keka_rrpp@hotmail.com

³ Mestre. Professor, fotógrafo e diretor de teatro. Estudos Literários. Fale/Ufal. jadir.pereira@fale.ufal.br.

⁴ Mestre. Bibliotecário, atuando principalmente na mediação da informação e conhecimento e na inclusão social/digital. Fundador e diretor do Sindicato dos Bibliotecários de Alagoas (Sinbiblio-AL). mestremarcio14@gmail.com

⁵ Presidente Estadual da Cufa (AL), fundadora do projeto Acotirene e coordenadora do Quintal Cultural. thaysemelo.tatamelo@gmail.com

⁶ Discente de Relações Públicas, atuando principalmente com assessoria de comunicação nas comunidades periféricas e assessoria de comunicação institucional. Curso de Relações Públicas/Ufal. isadora.ulisses@ichca.ufal.br

*Texto decorrente de uma ação acadêmica realizada durante o evento Semana de Extensão e Cultura da UFAL/2023.

Carta Pedagógica

abordado metodologicamente sobre o surgimento do projeto de extensão, principais atividades desenvolvidas e ações do projeto, a nível de extensão e viabilidade acadêmica. Inicialmente ela esclareceu que o termo *Bureau* foi sugerido por Keka Rabelo, relações públicas e assessora de comunicação dos movimentos sociais, por já trabalhar com Grupos de Trabalho (GT) de comunicação dos movimentos. Explicou, ainda que o nome *Bureau* tem o sentido de agrupar ações técnicas no sentido de organização-produção e comunicação dentro dos grupos de trabalho, a fim de reverberar as narrativas dos movimentos sociais e fortalecer essas pautas da sociedade civil organizada nos territórios culturais do estado de Alagoas, aproximando, assim, a memória dessas cadeias produtivas com a Universidade e a sociedade em geral.

A professora argumentou que a construção do projeto *Bureau* se deu através de diversas reuniões de planejamento entre os grupos de trabalho dos movimentos sociais, docentes e discentes. Foi criada a logo do projeto, no qual o vocábulo *Bureau* aparece representando o próprio nome do projeto, enquanto que o globo é um símbolo universal, com significado amplo, representando a plenitude, o infinito, sugere comunidade, relacionamentos e unidade. As linhas dentro do globo remetem a uma rede, fazendo alusão à internet e à conexão, ao mundo digital, enfatizando também a comunicação entre as partes envolvidas. As mãos reforçam a ideia de união e transmitem a noção de apoio, carinho, cuidado e proteção. Também trazem a questão da diversidade, quando cada uma delas caracteriza o elo entre diferentes raças.

Callou explicou, ainda, que o público atendido pelo projeto é considerado, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFAL (2019-2023), como população vulnerável, porque são vítimas de variados tipos de discriminação, além de estarem localizados nas comunidades ribeirinhas das Lagoas Mundaú e Manguaba, nas comunidades tradicionais Quilombo Lunga e Quilombo Mameluco, na comunidade indígena Mata da Cafurna, em Palmeira dos Índios e o núcleo comunicação institucional para assessoria de imprensa, na Escola Técnica de Artes (Eta-Ufal), além do grupo de trabalho na Central Única de Favelas (Cufa-AL), do núcleo de elaboração de projetos Instituto Bico do Fulô e grupo de comunicação no Fórum de Economia Solidária de Alagoas. Por isso, a comunicação comunitária, conceito trabalhado pelo grupo baseando-se em Peruzzo (2004), Volpato (2014), entre outros autores, está direcionada ao atendimento do interesse coletivo da população em foco, além de estimular, ainda mais, a participação dos cidadãos nesse processo comunicativo.

A professora falou que o projeto é constituído pelo Movimento dos Povos das Lagoas,

Carta Pedagógica

discentes e docentes de Relações Públicas e Jornalismo da Ufal, e foi realizado e aprovado no Edital Proex 05/2020, no contexto da pandemia da Covid-19, durante o período de 12 de maio de 2020 a 5 de novembro de 2020. Foram planejadas e executadas as seguintes ações, entre outras: 1) Criação da logo do projeto; 2) Criação e divulgação da mídia digital do Bureau (@bureaucomunitario); 3) Criação de um grupo de trabalho, utilizando o aplicativo do Whatsapp; 4) Criação do Canal Bureau de Comunicação na plataforma Youtube; 5) Desenvolvimento do programa semanal de lives no instagram do Bureau – intitulado “Conversa de Bureau: movimentos sociais na pandemia (05 de agosto a 04 de setembro de 2020) e “Movimentos sociais: diálogos em Bureau” (07 de outubro a 05 de novembro de 2020); 6) Produção de matérias jornalísticas, seguida do envio aos meios de comunicação; 7) Desenvolvimento de portfólios e cartas de recomendação para os movimentos sociais nos territórios culturais concorrerem em editais do Estado e do Município para reverberar a comunicação comunitária, através do recorte de produtos informativos (releases e matérias jornalísticas). 8) Registro fotográfico e audiovisual dos fazedores da cultura popular e periférica de Alagoas. 9) Escrita de artigos e outras escritas acadêmicas, 10) Cobertura e produção de documentário de memória de intercâmbio entre Cabo Verde e Quilombo Lunga

Reafirmou, também, o compromisso de auxiliar os integrantes dos movimentos sociais nos territórios culturais nas demandas de doações de máscaras, alimentos, álcool gel, produtos de higiene pessoal e local, e agasalhos, tendo conseguido fazer uma doação de 30 cestas básicas aos movimentos sociais, a partir de fundo recebido pela Fundepes. Esses produtos foram doados para as famílias que necessitavam de donativos para sobreviverem. O período do Edital do projeto finalizou, mas a equipe continuou trabalhando de forma voluntária, a partir de então vinculados à Agência Experimental de Relações Públicas (Agerp), por conta do compromisso social e da dedicação com a causa.

A produtora cultural e relações públicas Keka Rabelo, também coordenadora do Bureau, descreveu as atividades desenvolvidas com os movimentos sociais nos territórios culturais e os eixos de trabalho do Bureau de Comunicação, dividido em quatro eixos de atuação: Eixo 1 – Movimento dos Povos das Lagoas – Keka Rabelo explicou que este eixo contempla o movimento que agrega mais de 90 instituições, coletivos culturais independentes, profissionais da comunicação, das artes e da cultura, com o objetivo de realizar ações solidárias colaborativas, eventos culturais, artísticos, tradicionais, nas regiões periféricas da Orla Lagunar Mundaú e Manguaba, vetorização de espaços e fazedores de cultura da região lagunar, salvaguarda da memória das cadeias produtivas

Carta Pedagógica

das culturas locais ; Eixo 2 – Quilombos e Aldeias Indígenas – a relações públicas falou sobre as Comunidades Remanescentes do Quilombo Poços do Lunga, localizada em Taquarana, que é referencial por suas manifestações artístico-culturais, a exemplo da bicentenária Festa do Meado de Agosto, que retrata há 200 anos a história de luta e de vida dos quilombolas e do projeto Consciência Lunga que atua com formação em direitos humanos/arte/cidadania, através de oficinas de repasse de saberes das comunidades tradicionais, além do Projeto Magia da Terra, representado pela indígena *Koram Xukuru - Kariri* da Mata da Cafurna (Palmeira dos Índios), comunidade imensa de ritos e tradições que defende a cura através da alimentação a partir do conhecimento e fazeres tradicionais com as ervas, ancestralidade e meio ambiente.

Rabelo detalhou também o Eixo 3 – Cultura e Arte, formados pela Escola Técnica de Artes da Universidade Federal de Alagoas (ETA/Ufal) e o Fórum de Teatro de Maceió (FTM), com as ações em prol da cultura e da arte em tempos de pandemia. Membros da graduação de relações públicas assessoram a ETA há 12 anos, desenhando a comunicação institucional para o ensino da arte com a imprensa alagoana. Rabelo explicou, ainda, que o FTM e a rede de produtores compõem o Fórum Articulado de Alagoas, composto por mais de 12 fóruns culturais alagoanos. O Fórum conseguiu sancionar, juntamente com a sociedade civil, as Leis Aldir Blanc até a Lei Paulo Gustavo, com o objetivo de ecoar as vozes dos artistas e técnicos para terem direito ao auxílio emergencial. E, por último, falou sobre o Eixo 4 do *Bureau* – Moradia e Casa de Matriz Africana, tendo a Mãe Vera como símbolo mais marcante, tendo sido absorvido pelo Eixo 2 através do catiço do Palácio de Ogum-Casa de Matriz Afro do Quilombo Lunga. Hoje os eixos trabalham também dando suporte às narrativas dos mestres griô e as oficinas de repasse de saberes são pagas, por hora, através de projetos de emendas parlamentares, elaborados pelos núcleos existentes há mais de 15 anos. Rabelo agradeceu a parceria com a professora. Callou, o empenho dos bolsistas e dos voluntários. A produtora cultural se emocionou ao citar o engajamento de sua filha Vida, no projeto do *Bureau*. A assessora de comunicação falou dos desafios de conceber e gerir o projeto em meio à pandemia da Covid-19, no entanto, uma rede de apoio costurou os eixos citados através de memória de portfólios, mapeamento dos territórios culturais e elaboração de projetos para editais e leis. Hoje, representam a sobrevivência destes grupos de trabalho e também o acompanhamento técnico de secretariado, assessoria de imprensa e relatórios de atividades em duas emendas parlamentares: uma em intercâmbio com África e outra em Direitos Humanos.

A roda de conversa seguiu com a fala do Prof. Jadir Pereira (Fale/Ufal), colaborador do

Carta Pedagógica

Bureau, atuando com a fotografia e a (etno)grafia dos fazeres e dos saberes dos povos tradicionais e periféricos. O professor rememora a consulta de Keka sobre o nome do projeto *Bureau* e a sua respectiva preocupação com o estrangeirismo. Pereira, também latinista, lembra que, na ocasião da concepção do projeto, tal como um parto, tranquilizou a amiga, e disse que as palavras também são espólios da luta de classe. O etnoflâneur relata a importância daqueles que caminharam, anteriormente, e abriram as veredas dos quilombos, ao citar, por exemplo, o pesquisador Silvio Almeida, vulgo “Cabeça”, cuja monografia foi lançada em livro, com o título “Lunga: os quilombolas em Taquarana-Alagoas” em 2022.

O professor ainda relatou que, antes da criação do *Bureau*, muitos mestres e mestras da cultura dos eixos citados pela Keka Rabelo não tinham sequer um retrato, muito menos uma matéria jornalística ou um estudo acadêmico, demonstrando a invisibilidade de suas biografias e existências. Sob um olhar afrocentrado, sob a força do axé e sob a espiritualidade emanada das encantadas Mestra Firmina e Mãe Vera, buscou-se um registro que ecoasse a voz e a cor das comunidades e periferias lagunares, quilombolas e indígenas. As fotografias de Jadir Pereira ilustraram algumas matérias jornalísticas e divulgações de eventos como Carnaval do Bobo do Bom Parto e a Festa do Meado de Agosto do Quilombo Lunga. Entre os trabalhos de pesquisa, a partir da extensão acadêmica, o docente andarilho destaca: 1. Publicação do artigo: “Uma experiência fotográfica de um flâneur no Quilombo Poços do Lunga, Taquarana-AL” parte do livro *Territórios culturais, fronteiras e tradução* – organizado pela ABRALIC. 2. Exposição Virtual de Fotografia: *Festa do Meado de Agosto, Quilombo Poços do Lunga, Taguarana -AL* (UnB/Ufal) 3. Mesa de Comunicação: - Benjamin e Filosofia da Arte: um afroflâneur na era da Pandemia: retratos da Festa de Meado de Agosto no Quilombo Poços do Lunga, Taguarana-AL. 4. Exposição “Me ajuda a olhar” com aprendizes do Projeto Erê da Vila Brejal. O material produzido serviu de referência para o desenvolvimento de pautas jornalísticas e criação de portfólios dos mestres e mestras da cultura. O professor parabenizou as coordenadoras Callou e Keka Rabelo em nome de toda a equipe do *Bureau* e falou sobre a importância da continuidade do projeto para a visibilidade e a construção de narrativas que valorizem os saberes populares.

Neste momento, somou-se ao diálogo a presidente da Central Única das Favelas (Cufa-Ipioca), Thayse Melo, que falou sobre a importância do empoderamento feminino nos projetos dos quais ela faz parte, e do acolhimento das mães que sempre realiza no bairro de Pescaria. Falou sobre a Acotirene, que é um projeto social que traz a história e memória da resistência negra. E falou

Carta Pedagógica

também da necessidade do próprio *Bureau* em dar visibilidade à Cufa. Iniciou a discussão sobre as favelas que são pouco divulgadas na mídia e quando são, estão relacionadas à uma imagem pejorativa.

Um dos discentes que participou ativamente do *Bureau* foi o estudante de jornalismo, Jamerson Soares, que esteve presente na roda e continuou a fala da Thayse Melo dizendo que as comunidades e favelas sempre são retratadas em páginas policiais, e o *Bureau*, de certa forma, mudou esse olhar, no sentido de valorizar as ações culturais, os saberes e fazeres da comunidade. Então é um outro olhar que passou a ser divulgado através das mídias digitais. Além disso, o discente de jornalismo também falou como o *Bureau* mudou a sua forma de escrita, de se relacionar com os entrevistados, inclusive no fazer jornalístico.

Continuando a roda de conversa, o diretor do Sindicato de Bibliotecas do Estado de Alagoas (Sinbiblio), Márcio Adriano, expôs sua experiência no movimento estudantil, nos movimentos sociais, nas associações, nas cooperativas e sindicato ao longo desses 13 anos e disse que conseguiu observar que o acesso, uso, apropriação e apreensão da informação e do conhecimento com vista à formação, qualificação e protagonismo social, se caracterizam como uma ação democrática de disseminação da informação, com e a partir da interrelação entre os fazedores da cultura local e a perspectiva da biblioteconomia social, agindo para que todos possam, de fato e de direito, usufruírem do conhecimento empírico dos verdadeiros mestres da cultura e da memória.

Ressaltou ainda que a biblioteconomia social precisa adentrar no espaço dos Povos das Lagoas, rompendo a visão tecnicista e instrumentalista que há na área. Pois é impossível perceber a riqueza da ancestralidade desse local, a partir da concepção apenas política e assistencialista de governos racistas e preconceituosos, bem como de pessoas da sociedade civil organizada e acadêmicos positivistas. Assim sendo, compreende que o Movimento dos Povos das Lagoas tem de se apropriar da biblioteconomia social como suporte prático, técnico e científico, visando construir bibliotecas que retratem e tratem do conhecimento produzido pelos mestres locais. Para tanto, faz-se necessário dialogar constantemente com os fazedores, mediadores, organizadores, reprodutores de cultura e memória para que possamos nos livrar da visão decolonialista sobre nós.

Outra bolsista do *Bureau* de Comunicação e discente do curso de Relações Públicas, ao longo dos últimos 10 meses, Isadora Ulisses, falou sobre a honra e o privilégio de fazer parte do *Bureau* de Comunicação Comunitária, um projeto que tem como objetivo central promover a comunicação inclusiva e dar voz às comunidades menos ouvidas em nossa sociedade. Como discente, destacou que

Carta Pedagógica

esta experiência tem sido uma fonte de aprendizado constante e um meio de aplicar o conhecimento adquirido na academia de forma prática e transformadora.

A discente falou que uma das facetas mais enriquecedoras desta experiência foi a oportunidade de colaborar diretamente com comunidades quilombolas, povos originários e habitantes da periferia. Esses grupos, muitas vezes marginalizados e com suas vozes abafadas, têm histórias e perspectivas únicas que merecem ser compartilhadas. Por meio do *Bureau* de Comunicação Comunitária, Isadora Ulisses pôde não apenas ouvir as narrativas, mas também auxiliar na amplificação delas.

A participação da discente no *Bureau* de Comunicação Comunitária foi marcada por uma série de atividades que abrangeram desde a construção de releases de divulgação cultural até a cobertura de eventos. Essas atividades desempenharam um papel crucial na divulgação de informações relevantes para as comunidades envolvidas. Além disso, a parte administrativa também foi uma vertente importante da atuação, onde Isadora Ulisses teve a oportunidade de criar portfólios que documentaram e valorizaram os movimentos sociais da sociedade civil organizada.

Isadora Ulisses finalizou a fala trazendo a importância de fazer parte do *Bureau* de Comunicação Comunitária como uma experiência transformadora. Ao longo desses 10 meses, ela testemunhou o impacto positivo que uma comunicação inclusiva e empoderada pode ter nas comunidades menos ouvidas e que sente muita gratidão pela oportunidade de contribuir para este projeto e ansiosa para continuar sendo parte desta iniciativa que, sem dúvida, continuará a fazer a diferença nas vidas das pessoas envolvidas.

A partir das exposições dos/as colegas acima, considerando a realidade contextual de cada vivência, vemos como desafios relacionados à temática proposta o seguinte:

- 01- Trabalho de campo, nas aldeias indígenas e no Quilombo Lunga, relacionados ao transporte para o desenvolvimento das atividades;
- 02- Equipe fixa transdisciplinar, sem bolsa para os discentes;
- 03- Manter técnicos nos eixos-núcleos de trabalho, além de encontrar novos profissionais para fazer parte dos grupos de trabalho

Longe de esgotar essa temática, mas desejando, aqui, abrir o leque de possibilidades de discussões e mais diálogo, apresentamos algumas sugestões de como avançamos nessa discussão, que são o resultado das ações já desenvolvidas pela profissional de Relações Públicas, Keka

Carta Pedagógica

Rabelo, que trabalha com movimentos sociais e com formato de cadeias produtivas nos territórios periféricos, tradicionais e lagunares. O *Bureau* absorveu, assim, os núcleos de trabalho da produtora cultural e está num patamar não só de narrar, através de matérias, as pautas desses territórios, mas também mapeando e fazendo memória com portfólios, além de formatar com os núcleos propostas de metodologia em rede e memória:

- 01- Maior diálogo e conexão entre a sociedade civil e a Universidade;
- 02- Reconhecimento acadêmico, através do Prêmio Expocom Nordeste, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), na categoria Produção Transdisciplinar – Projeto de Comunicação Integrada, em 2021, além de 2 capítulos de livros e 2 artigos publicados;
- 03 - Reconhecimento da sociedade, através de 13 premiações em editais: Edital do Estado (2019), Taquarana (2020) e Maceió (2020-2021);
- 04- Produção e divulgação na mídia de mais de 500 matérias por eixo de trabalho do *Bureau*;
- 05-Produção de mais de 500 portfólios para os movimentos sociais;
- 06-Participação do Bureau no Documentário: “Quilombo Lunga e as Batukadeiras de São Domingos”
- 07-Participação no Festival de Música de Penedo, em 2022;
- 08-Formação de mídias junto às Unidades do Sertão e Agreste, Estudantes indígenas e quilombolas para ocupação de editais de cultura e arte
- 09-Conexão de mais de 50 grupos e movimentos sociais com mais de mil pessoas envolvidas em ações de setores da cultura, educação, desenvolvimento social, tradições, história e assistência social
- 10-Visualização do Bureau através das publicações do projeto e das lives no *Instagram* e no *Youtube*.

O Bureau de Comunicação já alcançou resultados significativos durante os anos de atuação, desde 2020. Esse reconhecimento social e acadêmico também motiva os integrantes a cada dia mais a expandir conhecimentos e universos através da Comunicação como vetor para o desenvolvimento social. Ficamos por aqui, por enquanto! Ficamos na espera de próximos eventos para aprofundarmos as temáticas aqui desenvolvidas.

Carta Pedagógica

Até a próxima!

Manuela Callou; Keka Rabelo; Francisco Jadir Pereira; Márcio Adriano Santos; Thayse Melo;
Isadora Ulisses

Referências

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOTTA, C. L. S.; GARCIA, E. E. B.; **CARTAS PEDAGÓGICAS: UMA INSPIRAÇÃO FREIREANA. Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 69-84, jan./abr. 2022.

HABERMAS, J. **Direito e democracia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, v. 2
_____. **Teoria da ação comunicativa**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

PERUZZO, C.M. K. **Comunicação nos movimentos populares**: a participação na construção da cidadania. 3a ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

VOLPATO, Marcelo. Comunicação comunitária: trajetórias e inovações. **Revista UNINTER de Comunicação**, vol. 2, n. 3, p. 217-232, jul-dez 2014.

WEBER, M. H, COELHO, M. P., LOCATELLI, C. (org.). **Comunicação pública e política**: pesquisa e práticas. Florianópolis: Insular, 2017.